



UFMT
EM REDE

PRÁTICA DOCENTE:

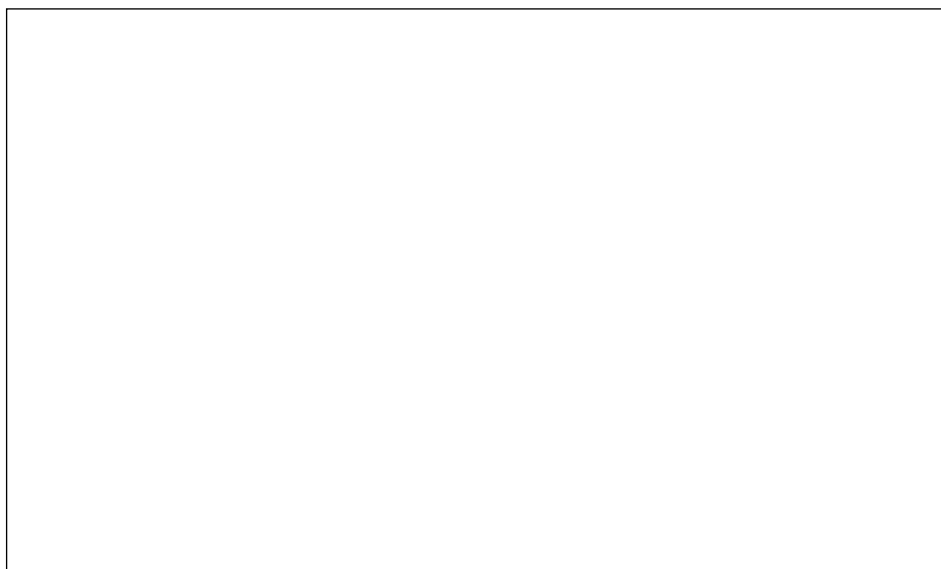
Considerações sobre o papel do professor

Maria Saleti Ferraz Dias Ferreira

Cuiabá-MT
2021

Apoio: Projeto UFMT Popular

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)



Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

Reitor da UFMT

Evandro Aparecido Soares da Silva

Vice-Reitora

Rosaline Rocha Lunardi

Secretário de Tecnologia Educacional

Alexandre Martins dos Anjos

Coordenador Geral do UFMT Popular

Alexandre Martins dos Anjos

Diretor do Instituto de Educação

Tatiane Lebre Dias

Produção Gráfica

Secretaria de Tecnologia Educacional - SETEC/UFMT

Diagramação

Fiana Bamberg

Apoio: Projeto UFMT Popular

PRÁTICA DOCENTE:

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR

Maria Saleti Ferraz Dias Ferreira

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	5
UNIDADE I - QUEM É O PROFESSOR E A PROFESSORA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER.....	6
UNIDADE II - SABERES NECESSÁRIOS PARA PRÁTICA DOCENTE	17
UNIDADE III - OUTROS SABERES PARA DAR SIGNIFICADO À APRENDIZAGEM.....	25
REFERÊNCIAS.....	35



INTRODUÇÃO

O curso que lhe apresentamos é componente dos conteúdos de Ciências Naturais. Estaremos refletindo sobre o processo de aprendizagem nas relações que se estabelecem na escola entre alunos, professores, saberes e tecnologias. Neste contexto queremos refletir com vocês o papel do professor e da professora em suas práticas de ensinar e ensinar Ciências Naturais.

Estamos propondo uma possibilidade de formação continuada para diálogo dos saberes mediados por tecnologia. Iniciamos por identificar alguns conceitos de importância nesta reflexão. Vamos tratar principalmente do papel do professor e da professora na relação do aprender e do ensinar e refletir sobre os saberes necessários para a prática docente.

Queremos neste curso construir um espaço de reflexão sobre o fazer docente como um processo que envolve diferentes componentes na construção de seus saberes, inclusive os saberes dos alunos e da comunidade.

Nesse sentido, o curso foi organizado em três unidades:

Na unidade I, faremos uma reflexão sobre o papel do professor nos processos do aprender e do ensinar.

Na unidade II, trataremos dos saberes docentes

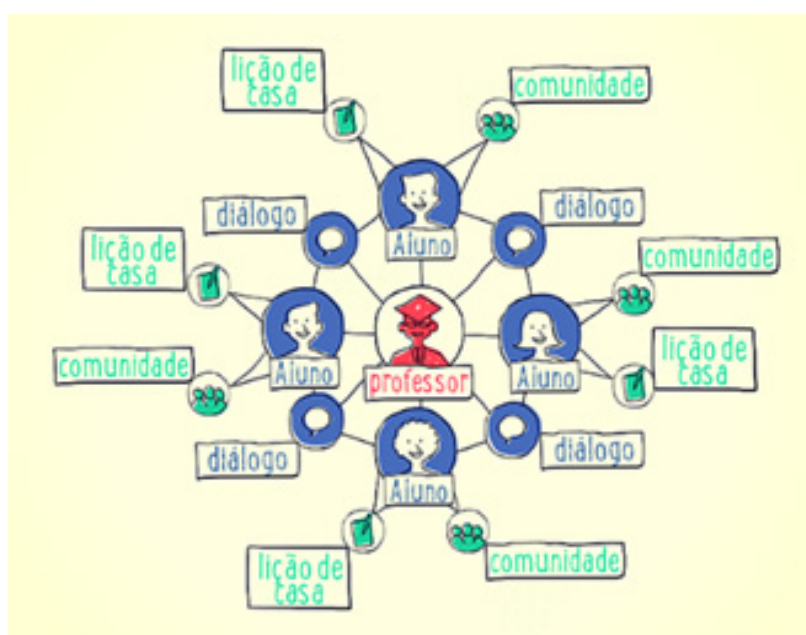
Unidade III, abordaremos outros saberes para dar significado à aprendizagem.

Convidamos professores, professoras e os futuros professores e professoras a fazer essa caminhada que esperamos ser prazerosa e significativa.

UNIDADE I - QUEM É O PROFESSOR E A PROFESSORA NO PROCESSO DE ENSINAR E APRENDER

Neste módulo trataremos do papel do professor e da professora no processo de ensinar e aprender em tempos de sociedade da informação. Iniciaremos pela seguinte pergunta:

Quem é o professor e a professora no processo de ensinar e aprender?



Para refletir sobre esta questão vamos tomar por base a forma de caracterizar o papel do professor e da professora através de importantes pensadores e educadores do nosso tempo, alguns deles muito conhecidos por todos nós professores como Paulo Freire, Moacir Gadoti, Pedro Demo, Rubens Alves, Antônio Nóvoa e outros.

Vamos iniciar, lendo um trecho de uma carta de Paulo Freire endereçada aos professores e professoras.

Carta de Paulo Freire aos professores

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um *burocrata da mente*, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às *adivinhações* dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. O fato, porém, de que ensinar ensina o ensinante a ensinar um certo conteúdo não deve significar, de modo algum, que o ensinante se aventure a ensinar sem competência para fazê-lo. Não o autoriza a ensinar o que não sabe.

A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática (FREIRE, 2001, p. 42).

REFLETINDO SOBRE O TEXTO

Vamos destacar alguns trechos desse texto para nossa reflexão:

O autor caracteriza o ensinante como humilde, aberto e disponível em rever seus saberes – “repensar o pensado”, a partir do estímulo, do questionamento e dos impulsos provocados pela curiosidade dos alunos que apontam caminhos para novos saberes.

Qual é então o papel do aluno neste processo? Que importância deve dar o ensinante ao aprendiz?

Ao afirmar que “o ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado”, está destacando o papel da Prática de Ensino. Você concorda?

O exercício da docência é muito mais que dar aulas, aplicar e corrigir provas e trabalhos. A docência é uma tarefa que exige muito estudo, preparo, conhecimento, pesquisa, tempo de dedicação. Requer também o compromisso e comprometimento em fazer o outro crescer. O que não se trata de uma tarefa simples. É função do professor e da professora cuidarem da aprendizagem do aluno.

É comum ouvir dos professores e professoras a seguinte fala: “ensino para trinta alunos, mas só cinco ou seis aprendem”. Qual é sua opinião sobre essa afirmação? Que importância tem para esses professores e essas professoras a aprendizagem do aluno? Será que é possível falar em ensino sem a aprendizagem dos alunos?

Paulo Freire destaca também, nesta carta, a responsabilidade ética, política e profissional que deve ter o professor para com a sua competência. Portanto, faz parte da prática do ser professor, um projeto pessoal de formação, de construção contínua de saberes, de revisão dos saberes construídos, de atualização permanente de sua formação.

Devemos nos convencer, desde o início da formação de professor e de professora, que ensinar não é transferir conhecimento, mas é criar possibilidades para a construção e produção de saberes.

A formação do professor e da professora é permanente – tem início, meio e sempre – e está instituída como formação continuada, presente nas políticas públicas de educação



O Pensador - Escultura de Augusto Rodin (1880), exposta nos jardins do Museu Rodin em Paris.

e referendada pela Resolução CNE 02, de 1º de julho de 2015. Portanto, é dever do Estado promover as possibilidades da formação contínua e direito do professor construir um projeto pessoal de formação permanente, incluindo aí as diferentes especializações, os mestrados acadêmicos ou profissionais e os doutorados.

A figura abaixo remete para o diálogo, para a interação entre os diferentes sujeitos e veja também as palavras de Wellerson Corrêa, da Defensoria Pública *in*: <http://oficinadeimagens.org.br/caminhos-para-a-harmonia-na-escola-violencia-dentro-das-instituicoes-de-ensino/>



“O professor tem que ter a consciência de que não é só aquele profissional que cumpre carga horária e passa conteúdo programático. O papel dele é muito maior, reconhecendo todas as dificuldades da carreira. A razão de ser da escola é o aluno, ele é o protagonista”.

Nesse contexto e considerando que o professor deve cuidar da aprendizagem do aluno, perguntamos:

PROFESSOR OU EDUCADOR?

“Educadores, onde estarão?”, pergunta Rubem Alves. E ele mesmo responde: “Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão, é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança” [...]

“Com o advento do utilitarismo, a pessoa passou a ser definida pela sua produção; a identidade é engolida pela função. E isso se tornou tão arraigado que, quando alguém nos pergunta o que somos, respondemos inevitavelmente dizendo o que fazemos. Com essa revolução, instaurou-se a possibilidade de se gerenciar a perso-

nalidade, pois aquilo que se faz e se produz — a função — é passível de medição, controle, racionalização.

A pessoa praticamente desaparece, reduzindo-se a um ponto imaginário em que várias funções são amarradas.

É isso que eu quero dizer ao afirmar que o nicho ecológico mudou. O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, suas paixões, suas esperanças e seus horizontes utópicos. O professor, ao contrário, é funcionário de um mundo dominado pelo Estado e pelas empresas. É uma entidade gerenciada, administrada segundo a sua excelência funcional, excelência esta que é sempre julgada a partir dos interesses do sistema. Frequentemente, o educador é um mau funcionário, porque o ritmo do mundo do educador não segue o ritmo do mundo das instituições [...]

GADOTTI (2003, p. 68) trazendo o professor Jefferson Ildefonso da Silva que sustenta existir um “falso dilema” entre **educador e professor**. Esse dilema diz ele, “se dilui e perde sua relevância ao se encarar a formação do educador para além do âmbito pedagógico ou individualista, para situá-lo na perspectiva de uma proposta e de uma teoria pedagógica que incorpore o caráter político da prática pedagógica e sua dependência da práxis social global, em que se dá a luta hegemônica das classes”.

Todo professor é, por função, educador. Para ele, **o educador é um intelectual dirigente, orgânico. Numa sociedade dividida, ele não é neutro.**

Numa perspectiva emancipadora, **o educador é um intelectual orgânico das classes populares, a favor dos interesses das pessoas que necessitam de educação.** Rubens Alves destaca o pensamento de Celso dos Santos Vasconcellos, em que **“A escola para o povo só tem sentido numa nova forma de organizar a sociedade. Não é possível fazer uma escola para todos dentro de uma sociedade para alguns! Ou seja, a democratização da escola precisa ser acompanhada de um novo projeto social”**.¹

O que seria, então, um professor em uma educação cidadã? Seria um profissio-

¹ Disponível em: <http://aliteraturanaescola-helena.blogspot.com.br/2013/10/ser-professor-ser-educador-rubem-alves.html> acesso em agosto de 2017

nal capaz de construir uma realidade diferente e uma escola capaz de contribuir para uma sociedade mais humana.

REFLEXÃO SOBRE O TEXTO DE RUBENS ALVES

O professor e a professora que não renovam seu aprendizado se identificam com o texto? O professor e a professora que apenas se apoiam no livro didático como fonte de pesquisa para trabalhar seus roteiros de ensino estão vontade na leitura do texto?

Para concluir nossa reflexão sobre o texto de Rubens Alves, fazemos a seguinte afirmação: A ação do ensinar não está restrita aos conteúdos específicos de área de formação do professor/professora nem tampouco ao domínio dos mesmos, embora, trabalhar os conteúdos e dominá-los seja indispensável. O fazer docente é um processo que envolve diferentes componentes na construção de seus saberes.

Os diversos saberes estão envolvidos no exercício da docência e trataremos deles no próximo módulo.

Qual é a sua opinião?

- Que papel tiveram os professores para sua condição de aprendiz?
- O que é ser um bom professor?

Ser professor na sociedade do conhecimento e da informação - Para refletir sobre a sociedade do conhecimento e da informação



No tempo em que a comunicação tem-se tornado cada vez mais tecnológica, o ato de aprender poderia ocorrer inteiramente sem as presenças do professor e da professora?

Moacir Gadotti (2013) remete ao professor e à professora, no tempo da internet, a importante função do educador reforçar sua postura cidadã de ser um promotor da cultura, pois o docente assume um papel mais dirigente e sua formação social e política deve ser ampliada, para que ele possa se transformar em uma liderança, exercendo a cidadania e formando para a cidadania. Ele precisa acolher a informação, despertar no aluno o desejo de aprender, construir o sentido do mundo. Só assim os estudantes verão sentido na escola, já que a quantidade de informações que atualmente está disponível na internet é

incalculável.

É preciso saber trabalhar em equipe, privilegiando a interdisciplinaridade, o encontro entre os diversos saberes, buscando o que há de comum entre as diferentes disciplinas. Deve ser um trabalho cooperativo, onde o professor consiga dominar o saber técnico, pedagógico e político, para contribuir com a construção coletiva do conhecimento. O professor que cuida da aprendizagem é eterno. Aquele que apenas dá aulas é descartável e tende a desaparecer.



A pergunta que se faz é: Na sociedade da informação haverá espaço para professores que apenas reproduzem textos, repetem experiências, exercícios e avaliações?

No contexto atual de redes sociais e de ambientes virtuais de aprendizagem cabe ao professor e professora sugerirem aos estudantes temas, materiais e situações que lhes permitam progredir. Cabe aos mestres proporcionarem aos alunos situações que lhes ofereçam novos problemas, articulem a prática, gerenciem a organização do ambiente de aprendizagem e planejem o uso dos recursos tecnológicos.

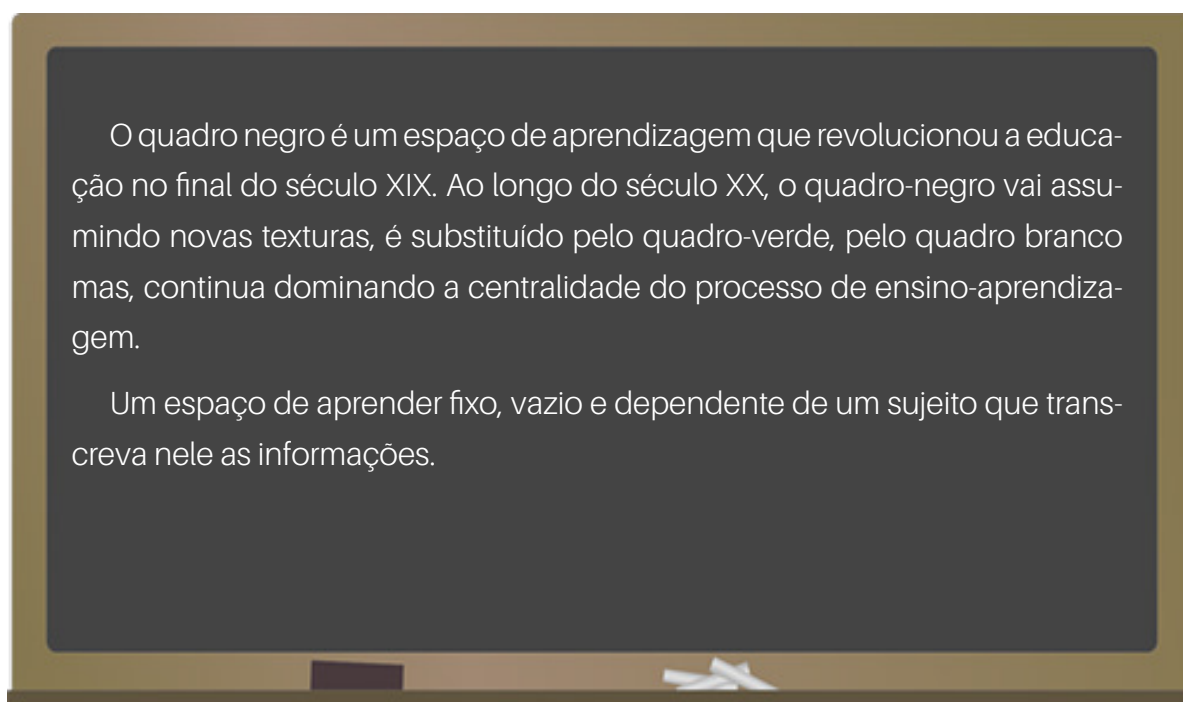
É também tarefa do professor e da professora identificar as necessidades de atenção relativas às aprendizagens. No tempo das tecnologias da informação temos a possibilidade de uma modalidade alternativa para formação de pessoas, para diálogo dos saberes mediados por tecnologia. Essa modalidade de desenvolver os processos de ensino e de aprendizagem consta da Constituição e é regulamentada pelo Decreto n.º 9.057, de maio de 2017, que caracteriza no seu Art. 1º educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e de aprendizagem ocorram com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da

educação que estejam em lugares e tempos diversos.

Estamos vivendo um novo tempo de ensinar e aprende. No entanto uma parte das escolas ainda desenvolve seus projetos pedagógicos com os instrumentos tradicionais das escolas do século passado.

Até o final do século XIX, para a maioria das crianças brasileiras, que estudavam, essa atividade se dava em torno de uma mesa, onde o mestre, o professor, mediava o processo de ensino-aprendizagem.

A nossa formação básica e inicial se deu predominantemente em espaço de aprendizagem chamado escola, em uma sala de aula, na qual o quadro negro/verde ocupava especial centralidade do processo e, conseqüentemente, a centralidade do processo pedagógico na figura do professor.



Atualmente o processo do aprender envolve vários espaços, pois vivemos em uma sociedade do conhecimento com múltiplas oportunidades de aprendizagem.

As novas tecnologias da informação criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem, de lá, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem a distância, buscar fora – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento (GADOTTI, 2005).

Voltando ao processo de aprendizagem, retomo Moacir Gadotti que interpreta o autor Herbert McLuhan e afirma que o ciberespaço rompeu com a ideia de tempo próprio para a aprendizagem. O espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar; o tempo de aprender é hoje e sempre. O que temos são novos espaços de aprendizagem. Um deles é o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).



José Moran (2013, p. 27-29) argumenta que “hoje, o professor, em qualquer curso presencial, precisa aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora, pois antes ele só se preocupava com o aluno em sala de aula. Agora, continua com o estudante no laboratório (organizando a pesquisa), na Internet (atividades a distância) e no acompanhamento das práticas, dos projetos, das experiências que ligam o aprendiz à realidade, à sua profissão (ponto entre a teoria e a prática) – e tudo isso fazendo parte da carga horária da sua disciplina, estando visível na grade curricular, flexibilizando o tempo de estada em aula e incrementando outros espaços e tempos de aprendizagem”.

A tendência é ampliar cada vez mais o espaço de aprender e não apenas as salas de aulas, as bibliotecas e os laboratórios. É preciso considerar, ao se definirem os espaços de aprendizagem, o perfil do estudante atual. Com o surgimento de diferentes redes sociais, o YouTube, blogs...está ocorrendo uma mudança na forma como os estudantes acessam e utilizam a informação. O sistema educacional e o professor como parte dele, na atual comunidade global, onde a informação pode ser compartilhada instantaneamente, precisam desenvolver habilidades de trabalhos coletivos e interdisciplinar. O nosso futuro é cada vez mais coletivo. Para tanto está posto um desafio: preparar a comunidade de ensinantes para a utilização de mecanismos de aprendizagem colaborativa e em grupo.

Revedo o conteúdo

Nesta unidade apresentamos um conteúdo que aborda o papel do professor e da professora no processo de ensinar e aprender. Você foi chamado para refletir sobre a ação pedagógica e o ser professor.

Abordamos também a importância da formação contínua nos tempos das novas tecnologias de informação, para dar conta das demandas sociais e políticas. O espaço de aprender se amplia cada vez mais e a sala de aula toma outra dimensão.

QUESTÕES AVALIATIVAS

1. Leia o texto a seguir e reflita sobre as palavras do autor.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas (Rubens Alves, 2004, p. 68)

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte de voo. Pássaros engaiolados são pássaros sobre controle. Engaiolados o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Assinale a alternativa que que responda a seguinte questão: Na nossa prática, quais características identificam uma escola gaiola?

- a)** Horário rígido, disciplina rigorosa com os cuidados da estrutura da escola e respeito às pessoas, os alunos criam textos, executam experimentos, elaboram relatório, divulgam suas produções.
- b)** Alunos cumprem horário, professor cumpre horário rigorosamente, cobrança de postura rigorosa em relação às atitudes pessoais, conteúdo programado cumprido dentro do calendário estipulado, avaliação de conteúdo por meio de provas, avaliação de comportamento, professor figura central no processo.
- c)** Uma escola em que aluno elabora sua consciência política, participa da construção do seu conhecimento a partir dos saberes construídos com a comunidade.

Significado das questões

a) Alternativa errada, pois em uma escola liberta existem regras, planejamento e os estudantes usam os

diversos espaços nela contidos.

b) Alternativa correta, pois como vimos no módulo II o professor é um mediador do conhecimento e não a figura central no processo ensino aprendizagem. Isso caracteriza uma escola gaiola.

c) Alternativa errada, pois uma escola onde o aluno elabora a sua consciência política é uma escola liberta, que respeita outros saberes dos seus alunos para a partir deles compartilhar o mundo. Portanto, não se caracteriza como uma escola gaiola.

UNIDADE II - SABERES NECESSÁRIOS PARA PRÁTICA DOCENTE



Muitos pesquisadores tratam do tema sobre os saberes da docência. Vamos analisar o que apontam alguns deles. Iniciamos pelos ensinamentos de Maurice Tardif (2002) ao informar que o SABER DOCENTE se compõe de vários saberes provenientes de diferentes fontes e apresenta cinco categorias:

- saber curricular, proveniente dos programas e dos manuais escolares;
- saber disciplinar, que constitui o conteúdo das matérias ensinadas na escola;
- saber da formação profissional, adquirido por ocasião da formação inicial ou contínua;
- saber experiencial, oriundo da prática da profissão, e, enfim,
- saber cultural, herdado de sua trajetória de vida e de sua pertença a uma cultura particular, que ele partilha em maior ou menor grau com os alunos.

Todos nós profissionais da docência sabemos que, do ponto de vista da carreira, saber como viver com a comunidade escolar é tão importante quanto saber ensinar na sala de aula e nos diferentes espaços de aprendizagem.

Tardif (2002) destaca outras importantes questões da docência que são os saberes advindos da realidade prática da sala de aula, pouco valorizados. E afirma que o conhe-

cimento profissional docente emerge de suas vidas cotidianas, discursos e atos, sendo marcado pelo saber social que compõe os diversos saberes refletidos na maneira como os professores ensinam.

Quando o professor e a professora mobilizam os diferentes saberes aqui apresentados, suas prática pedagógicas tornam-se ofício feito de saberes.

Outro autor que aborda os saberes docentes é Antônio Nóvoa. Ele sugere a necessidade de uma formação de professores construída dentro da profissão. No decorrer da sua reflexão ele pergunta: O que é um bom professor?

Durante muito tempo, procuraram-se os atributos ou as características que definiam o bom professor. Esta abordagem conduziu, já na segunda metade do século XX, à consolidação de uma trilogia que teve grande sucesso: saber (conhecimentos), saber-fazer (capacidades), saber-ser (atitudes).

Nóvoa² sugere cinco disposições que são essenciais à definição dos professores nos dias de hoje:

- profissionalidade docente que não pode deixar de se construir no interior de uma personalidade do professor;
- o conhecimento. É sem dúvida de fundamental importância conhecer bem aquilo que se ensina. Vejamos uma frase de Eça de Queirós, um importante romancista português que viveu no século XIX: “Para ensinar há uma formalidadezinha a cumprir – saber”;
- a cultura profissional. Ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão. O registo das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão, afirma Nóvoa;
- o tato pedagógico. Quantos livros se gastaram para tentar apreender este conceito tão difícil de definir? Nele cabe essa capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o ato de educar. E também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar. Saber conduzir

2 Disponível em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por. Acesso em jul/2017

alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais;

- o trabalho em equipe. Os novos modos de profissionalidade docente implicam um reforço das dimensões coletivas e colaborativas, do trabalho em equipe, da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola. O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de comunidades de prática, no interior de cada escola, mas também no contexto de movimentos pedagógicos que nos ligam a dinâmicas que vão para além das fronteiras organizacionais;
- o compromisso social. Podemos chamar-lhe de diferentes nomes, mas todos convergem no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social, da diversidade cultural. Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje, a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola. Comunicar com o público, intervir no espaço público da educação, faz parte do *ethos* profissional docente.

Sobre os saberes docentes Gauthiner (1998) usa as seguintes categorias:

- saberes disciplinares – conhecimentos específicos da área;
- curriculares – o programa de ensino;
- das ciências da educação – que fornece ao professor uma visão das várias facetas da educação;
- saberes experienciais – aprender pelas próprias experiências;
- da ação pedagógica – saber experiencial publicado.

Shulman (2005) apresenta sete categorias de saberes que formariam a base do conhecimento do professor:

- conhecimento do conteúdo – conteúdo a ser trabalhado com estudantes;
- conhecimento didático geral – que considera os princípios e as estratégias gerais de manejo e organização da classe;
- conhecimentos do currículo – domínio dos materiais e dos programas que servem como ferramenta para o ofício docente;

- conhecimento didático do conteúdo – uma especial amálgama entre matéria e pedagogia, que constitui uma esfera exclusiva dos professores, sua especial maneira de compreensão profissional;
- conhecimento dos alunos e de suas características;
- conhecimento dos contextos educativos – que cobrem desde o funcionamento do grupo ou da classe, e gestão e financiamento dos sistemas educacionais, até o caráter das comunidades e das culturas;
- conhecimento dos objetivos, das finalidades e dos valores educativos, assim como seus fundamentos filosóficos e históricos.

Nóvoa (2002) também destaca que o desenvolvimento profissional do professor deve partir de questões concretas de seu trabalho, de modo que os professores possam expressar suas opiniões sobre o processo de ensino e de aprendizagem, sobre suas concepções sobre a profissão docente, sobre o contexto e condições de trabalho.

Diante das manifestações dos autores citados, queremos discutir que espaço da escola e os setores de gestão da educação proporcionam para o professor e a professora refletirem coletivamente sobre os problemas da profissão docente.

Porque escolher ser professor ou professora?

Vamos colocar aqui algumas questões para nortear a nossa reflexão. Vamos abordar os desafios da trajetória (carreira) docente.

Assim como em qualquer outra profissão, o professor e a professora são estudantes permanentes. É preciso estudar muito e durante toda a carreira. É preciso o envolvimento com questões sociais e políticas do país e, mais do que isso, aprender cada vez mais sobre relações humanas.

Para o exercício da docência é preciso ultrapassar as barreiras do ter ou gostar, é preciso diferentes construções internas, é preciso saber ser.

Professores e professoras desenvolvem valores, cultivam desejos, alimentam a esperança e anseios. Habilidades como motivações, respeito, honestidade, persistência e comprometimento com a educação são os componentes diferenciais na identidade docente. Elas são desenvolvidas no complexo processo interativo entre os que ensinam e

os que aprendem. Exercitá-la faz a diferença no trabalho docente.

Não é uma tarefa fácil. Em um tempo de tanto desrespeito, de preconceitos e violência na sociedade ser professor e ser professora requer conhecimento sobre a natureza humana, e este saber não está presente nos currículos dos cursos de formação de professores.

Sabemos da importância do professor na vida dos estudantes e podemos afirmar que o mais importante do que o conteúdo de domínio e da área de formação é o modo como as relações são estabelecidas entre ambos. A atenção do professor e da professora para com seus alunos tem importante sentido na subjetividade do aprendiz. É por essa razão que estamos convictos ao afirmar que, por mais avançada que seja a tecnologia, o professor e a professora serão necessários para que se promova a aprendizagem.

Observe a figura abaixo e reflita sobre a atividade docente. Ser professor vai muito além do que se imagina, não é? Portanto, reflita sempre sobre a sua escolha.



Fonte: A Vida de Biólogo. <https://marcoarmello.wordpress.com/2012/09/28/naosejcientista/>

Como vimos, ser professor e professora não é uma tarefa fácil. Requer uma construção permanente dos saberes docentes, um cuidado especial com a aprendizagem dos alunos, pois a profissão docente requer conhecimento sobre a natureza humana. É por essa e por outras razões que os saberes docentes vão além do conteúdo de sua formação. Nesta perspectiva afirmamos serem necessários outros saberes para dar significado à aprendizagem.

QUESTÕES AVALIATIVAS

1. Na Unidade II tratamos dos saberes necessários para a prática docente. Lemos vários autores que tratam do tema e aprendemos uma série de saberes próprios da docência. Vimos ainda entre outras importantes questões, que os saberes advindos da realidade, na prática da sala de aula são pouco valorizados. No entanto, o conhecimento profissional docente emerge de suas vidas cotidianas, discursos e atos, sendo marcado pelo saber social que compõe os diversos saberes refletidos na maneira como os professores ensinam.

Com base nesta afirmativa, marque a alternativa correta:

- a) Ensinar é transmitir conhecimento
- b) Ensinar exige respeito aos saberes do educando
- c) Ensinar exige uma formação acabada e domínio total de conteúdo

Respostas

a) Alternativa errada, pois ensinar é criar possibilidades ao aluno para construção do seu conhecimento. Este é o saber necessário à formação do docente, numa perspectiva de educação libertária.

b) Alternativa correta, pois o docente deve respeitar os saberes socialmente construídos pelos alunos na prática comunitária. Discutir os problemas por eles vividos e estabelecer correlações entre os saberes curriculares necessário aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos. E é a partir dessa correlação que o aluno amplia o seu saber.

c) Alternativa errada, pois não existe uma formação acabada e tão pouco o domínio total do conhecimento. O ensinar exige pesquisa. Enquanto ensinamos continuamos buscando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e para comunicar o novo (Paulo Freire).

2. Analise as afirmativas abaixo:

I - A docência exige saber dialogar, pois é preciso criar novos vínculos, novas relações humanas e sociais.

II - O domínio do conteúdo curricular é mais importante para o docente do que os saberes experienciais e culturais.

III - O exercício docente exige cada vez mais trabalho em equipe e compromisso social.

Assinale a alternativa corretas:

- a) I e II estão corretas

- b)** II e III estão corretas
- c)** I e III estão corretas
- d)** I, II e III estão corretas
- e)** I, II e III estão incorretas

Resposta

A alternativa correta é a c) pois a afirmativa II não procede porque os saberes experienciais e culturais são tão importantes quanto o domínio do conteúdo. A presença da afirmativa II na composição das alternativas a, b, d e e as fazem erradas

3. Observe a figura que segue.



Foto: Ferreira, 2016

Trata-se de habitação comum na zona rural brasileira. É uma casa de pau-a-pique e representa o saber fazer de algumas pessoas muito experientes no que fazem. É o resultado de um aprendizado.

Assinale a alternativa correta sobre a categoria de saber de que trata a figura apresentada.

- a)** Saberes não formais porque foram construídos no interior das escolas rurais.
- b)** Saberes formais porque foram construídos junto com a família e a sociedade.
- c)** Saberes experienciais porque são construídos na interatividade cotidiana, na sociedade e na família.

Respostas

Alternativa errada, pois, os saberes não formais ocorrem na sociedade e na família.

Alternativa errada, pois, os saberes formais são construídos na escola.

Alternativa correta, pois, os saberes experiências são perpassados pela família e pela comunidade.

UNIDADE III - OUTROS SABERES PARA DAR SIGNIFICADO À APRENDIZAGEM

Gadotti (2003, p. 25) nos fala que o professor não pode ser um mero executor do currículo oficial e a educação já não é mais propriedade da escola, mas de toda comunidade. Os professores precisam assumir uma postura mais racional, dialógica, cultural, contextual e comunitária”.

Iniciamos este capítulo que se propõe a refletir sobre a ampliação da formação e de outros saberes necessários para dar conta de um processo de ensino aprendizagem mais próximo dos aspectos éticos, coletivos, comunicativos próprios de sociedade de informação.

Nossa proposta é olhar para as possibilidades de aprendizagem para além das salas de aulas, considerando o aprendizado construído na vivência cotidiana e em espaços não formais como forma de ampliar construtos significativos.

Sabemos que há mais ou menos 10 mil anos a educação tinha caráter informal, a aprendizagem se dava de geração a geração e ocorria dentro da comunidade. Os ensinamentos não eram sistematizados e não existiam escolas. O papel de ensinar era desempenhado pela própria família e a experiência de vida. Os saberes-experienciais eram comungados oralmente.

Na nossa reflexão trataremos dos saberes-experienciais como os tradicionais que estão presentes no nosso convívio.

Observe as figuras que seguem:



Na figura ao lado estamos diante de plantas medicinais comercializadas no mercado municipal de Manaus. Foto: Ferreira (2017).

Elas representam um saber construído nas interações dos humanos com os recursos vegetais. Um saber que se constrói e se perpassa informalmente pelas pessoas de forma oral.



Rede em processo de tecelagem

A construção de redes nas comunidades tradicionais ribeirinhas do rio Cuiabá é saber construído por muitas gerações e perpassado nas relações cotidianas.

Fonte emebmariabarbosamartins.blogspot.com



Casa de pau-a-pique

Foto: Ferreira, 2016

Estas cenas fazem parte do cotidiano da vida brasileira. Elas representam diferentes saberes construídos em contextos históricos distintos e em espaços de aprendizagem não formais. As fontes que alimentam esses saberes são as famílias, as comunidades e suas vivências. São denominados conhecimentos não formais porque não são sistematizados e não instituídos nos espaços escolares.

Para saber mais sobre **Conhecimento Tradicional**

O conhecimento tradicional é a forma mais antiga de produção de teorias, experiências, regras e conceitos, isto é, a mais ancestral forma de produzir ciência. O conhecimento tradicional destaca-se por seu vasto campo e variedade que comporta: “técnicas de manejo de recursos naturais, métodos de caça e pesca, conhecimentos sobre os diversos ecossistemas e sobre propriedades farmacêuticas, alimentícias e agrícolas de espécies e as próprias categorizações e classificações de espécies de flora e fauna utilizadas pelas populações tradicionais” (SANTILLI, 2005, p.192).

Conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade são resultados de anos, décadas e até séculos de convivência de uma comunidade com o meio ambiente, por meio do uso sustentável dos seus recursos, garantindo sua conservação para as gerações futuras e protegendo floresta, animais e tudo o mais que compõe a natureza.

Então, são **importantes** para serem **incorporados aos saberes docentes** por constituírem construtos significativos para muitos representantes dos povos tradicionais presentes nas escolas brasileiras.



<http://portaldoamazonas.com/mec-debate-projeto-de-construcao-de-50-escolas-indigenas>

Considerando o conceito de escola inclusiva, como você, interpreta a cena acima? Qual a importância dos conhecimentos tradicionais para essa comunidade escolar?

Escola inclusiva é, aquela que garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades (MEC, 2004 pag. 7)

Vejamos um fragmento de Ferreira (2010, p. 58):

“Nas comunidades ribeirinhas, além da gastronomia genuinamente mato-grossense, outros saberes caracterizam os fazeres tradicionais. A construção da viola de cocho, o tecer rede, a produção de utensílios de cerâmica (panelas, potes e moringas), o uso de plantas para produção artesanal de gamelas, jacas, cadeiras de balanço, entre outros, foi no passado um fazer diário dos mato-grossenses da Baixada Cuiabana. Atualmente esses fazeres são dependentes dos saberes de pessoas que vivem nas comunidades ribeirinhas. Em Bonsucesso, estão entre os **experientes** de nossa pesquisa, pessoas que acumulam esses saberes, e que precisam ser resgatados e instituídos entre os componentes dessas comunidades, como forma de perpetuá-los.

As redes foram por muito tempo, e ainda são, em muitas famílias, o leito que embala o sono e o prazer, desde o nascimento até morte”.



Foto: Ferreira, 2010

A foto retrata uma rede tecida artesanalmente por mulheres da comunidade de Bonsucesso-MT. São atividades culturais que traduzem a identidade das mulheres ribeirinhas com a biodiversidade, nesse caso aves e flores, presentes no dia-dia.

Como sabemos, a escola é o espaço principal de aprendizagem. Qual é o espaço para aprender a construir viola de cocho, tecer rede, produzir utensílios de cerâmica, usar as plantas para produção artesanal de gamelas, jacas, cadeiras de balanço e usar as plantas medicinais? Como eles são repassados?

INTERAGINDO COM O TEXTO

Na sua vivência cotidiana, alguns dos saberes de que trata o texto de Ferreira estão presentes? Na sua opinião, esses saberes devem ser incorporados pela escola? Se a sua resposta for positiva, de que forma a escola deve incluir os saberes tradicionais?

Como a educação informal se manifesta no nosso cotidiano?

Está no livro “Construindo um futuro comum – educando para a integração na diversidade” editado por Jack Campbell, tradução de Patrícia Zimbres. – Brasília: UNESCO, 2002:

A educação informal também pode ser altamente eficaz, como ilustra essa deliciosa passagem de um texto de Richard Bawden (1991, p. 30), na qual ele conta como seus três filhos pequenos se lançaram à construção de seu pequeno mundo de unidade na diversidade, transpondo as barreiras de língua e de cultura que separam a Austrália do Uruguai:

Em 4 de janeiro de 1975, assisti a meus três filhos pequenos aprenderem a falar espanhol. Correndo para o jardim de nossa nova residência, em Montevideu, eles gritaram para a garotinha da casa ao lado: “Hello!”. “Ola!”, respondeu ela. “Ola!”, gritou o trio Bawden em coro, imitando não apenas o som, mas também o gesto exuberante que o acompanhou! De meu próprio estado de paralisia linguística, fiquei maravilhado com o que aconteceu nas semanas seguintes, à medida que eles aprendiam a conversar, construindo frases inteiras em sua nova língua. Da mesma forma que eles aprenderam espanhol, eles passaram também a fazer coisas à moda espanhola, coerentes com o fato de eles estarem se tornando integrados à sua nova cultura uruguaia. Através da língua, eles estavam aprendendo a saber, a fazer e a ser... tudo isso ao mesmo tempo; na verdade, cada forma de saber era de importância vital para as duas outras coisas e, de algum modo, eles pareciam saber isso também! Com quatro, cinco e sete anos de idade, meus filhos haviam assumido, eles próprios, o controle das maneiras pelas quais eles transformavam suas novas experiên-

cias em conhecimento, como veículo para a adaptação a seu novo ambiente (CAMPBELL, 2002, p. 36-37).

Como as crianças e jovens das nossas comunidades interagem com a diversidade de sotaques, de cor, de etnias, tão próprios do cotidiano brasileiro? Como a escola, em tempos de inclusão, intermedia essa temática entre os alunos, professores e comunidade?

Quando falamos em educação informal, estamos falando de diversidade, estamos falando de educação inclusiva. Inclusiva da nossa diversidade. Das diferentes formas de ver o mundo. Das diferentes crianças e dos diferentes jovens que fazem a comunidade brasileira.

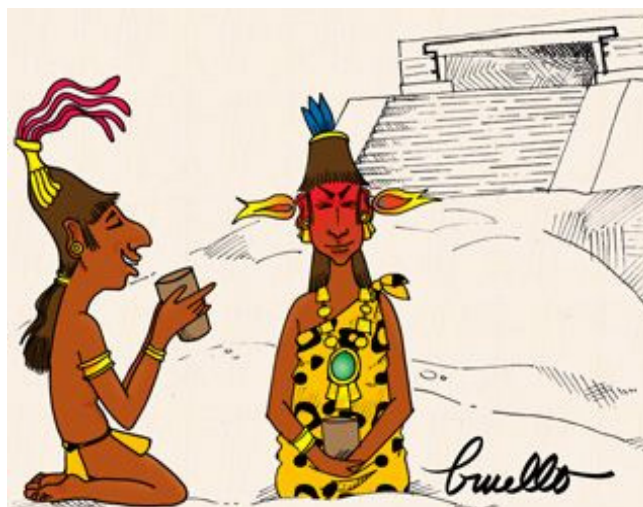
Vivemos em um estado em que a diversidade cultural é determinante e está presente nas nossas relações cotidianas. É importante que sejam criadas possibilidades de interlocução e interação dos diferentes espaços de produção do conhecimento.

Muitas instituições têm a produção do conhecimento como uma de suas atividades. Trata-se das universidades, de algumas empresas, das representações regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), algumas Organizações não Governamentais (ONGs) que trabalham com dimensões particulares da realidade e de organizações comunitárias.

Para que esses conhecimentos produzidos e instituídos circulem, é necessária a construção de redes entre os diversos atores sociais da região e, sobretudo, que o ambiente escolar esteja inserido nessa rede de informações.

É fundamental o reconhecimento de que todos os atores sociais locais produzem informações de alguma forma, e que essa informação organizada e disponibilizada se torne valiosa para todos. Para o sistema educacional local, em particular, tornar-se fonte de estudo e de aprendizagem.

Uma doce curiosidade - uma das muitas lendas sobre o chocolate.



Tchocolat

<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=863&sid>

Ilustração: Barbara Mello

Se você é louco por chocolate e sempre achou que só podia ser mesmo divino, saiba que não é o único. Em mais de dois mil anos de história, o chocolate foi por muito tempo considerado sagrado por sociedades antigas do México e da América Central. Foram os povos primitivos dessa região que descobriram que as sementes de cacau poderiam ser amassadas e transformada em uma bebida deliciosa, o *tchocolatl*.

Quer dizer, deliciosa para eles, porque os europeus quando chegaram à América, no final do século XV, não gostaram nem um pouquinho daquela bebida amarga, gordurosa e... picante! O chocolate daquele tempo era muito diferente do que conhecemos hoje: não levava açúcar e ainda era misturado à pimenta e outros temperos fortes.

Mas, se os europeus, a princípio, não gostaram muito do tal *tchocolatl*, para os astecas, civilização altamente organizada que habitava o México desde o século XIV, ele era um presente divino. Mais precisamente de Quetzalcoatl, deus da sabedoria e do conhecimento.

Os astecas acreditavam que essa divindade havia trazido do céu as sementes de cacau e, por isso, festejavam as colheitas com rituais cruéis de sacrifícios humanos. Para completar a cena, que mais parece ter saído de um filme de horror, eles ainda ofereciam às vítimas taças de chocolate!

Muito tempo depois, já no século XVIII, o botânico sueco, Carlos Lineu, inspirado por essas histórias e pelo sabor do chocolate, batizou a árvore do cacau de *Theobroma cacao*, que, em grego, quer dizer *alimento divino*.

O *Theobroma cacao* é uma planta da Família Sterculiaceae. Recebe diferentes nomes populares, como árvore-do-chocolate, cacau ou cacaueiro. É originário de regiões de florestas pluviais da América Tropical, onde, até hoje, é encontrado em estado silvestre, desde o Peru até o México. Os pesquisadores botânicos acreditam que o cacau seja originário das cabeceiras do rio Amazonas.

É uma planta com importante valor social, usada para diversos fins, como medicinal, por exemplo, mas o maior valor econômico é o produto de suas sementes transformadas em chocolate.

Na sua região existem recursos que têm importância atual e cujo conhecimento vem sendo construído ao longo da história humana?

MUDANDO PARADIGMAS

Há uma antiga e estéril discussão sobre a superioridade da teoria ou da prática. Na realidade não há nenhuma superioridade pedagógica no ensino de visões mais abstratas, relativamente ao conhecimento concreto local: é uma falsa dualidade, pois é na interação que se gera a capacidade de aprender e de lidar com os próprios conceitos abstratos. Essa falsa dualidade tem dado lugar a simplificações absurdas como “na prática a teoria não funciona”, prejudicando justamente a apreensão teórica dos problemas (DOWBOR, 2006).

O importante é interagir com a diversidade que existe em cada região, valorizá-la e transmiti-la de forma organizada para as gerações futuras. Nesse sentido, nossa proposta é que a sua construção de formação continua de professor pesquisador tenha por base a prática da investigação, como exercício de buscar as principais formas de conhecimento tradicional e o conhecimento local existente em sua comunidade.

A formação docente é um processo contínuo de criar possibilidades para construção e produção de saberes.

Por fim, concordamos com as palavras de Paulo Freire, ao afirmar que a teoria sem a prática não faz sentido. A teoria vira blá blá blá e a prática sem a teoria, vira ativismo.

O importante é que professores e professoras construam uma base de conhecimento

para o ensino com um corpo de compreensões, saberes, habilidades e disposições necessários, para propiciar processos de ensinar e de aprender. Essa base envolve conhecimentos de diferentes naturezas, e, como vimos, no decorrer deste curso, todos necessários e indispensáveis para a atuação profissional.

Para finalizar este curso, mais um recado!

Devemos nos convencer que ensinar não é transferir conhecimento, mas é criar possibilidades para construção e produção de saberes. A escola precisa ser estruturada para que os professores e professoras prossigam com vontade de ensinar e os estudantes, de aprender. Para tanto, é preciso aprender a viver coletivamente, compartilhar valores e realizar projetos que proporcionem a compreensão mútua de paz.

Vamos juntos caminhar com os que sonham com a educação brasileira de qualidade.

QUESTÕES AVALIATIVAS

1 - Na unidade III tratamos da diversidade de saberes com os quais professores e professoras deverão usar como base no processo ensino aprendizagem.

Assinale a alternativa correta sobre o que significa ensinamentos não sistematizados:

- a)** Ensino de caráter informal. São as experiências vivenciadas e comungadas oralmente com os aprendizes.
- b)** Ensinos comungados em instituições não organizadas e de responsabilidade da escola.
- c)** São ensinamentos formais construídos e comungados pela família e sociedade.

Resposta

Alternativa correta, pois são saberes produzidos e comungados ao longo da vivência humana, sem a mediação de instituições organizadas

Alternativa errada porque os ensinamentos não sistematizados não são de responsabilidade da escola.

Alternativa errada porque os ensinamentos não sistematizados são produzidos e comungados pela família e pela sociedade, mas, não são formais.

2 - O *Theobroma cacao* é o nome científico do cacau – planta cujas sementes são usadas para a preparação do chocolate. Sobre o *Theobroma cacao* é também correto afirmar que:

- a)** Uma planta silvestre que ocorre em todo território brasileiro.
- b)** Os pesquisadores acreditam que o cacau é uma planta originária das florestas existentes nas cabeceiras do rio Amazonas.
- c)** É uma planta silvestre da América do Sul, América Central e parte da América do Norte.

Resposta

Alternativa errada porque o Theobroma cacao no Brasil ocorre apenas nas regiões de florestas pluviais.

Alternativa correta de acordo com que informa o texto.

Alternativa errada, pois de acordo com que traz o texto o Theobroma cacao é uma planta da floresta pluvial da América tropical que não inclui a América do Norte.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Gaiola ou asas**. A arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Porto: Edições Asas, 2004.

----- **Conversa com que gosta de ensinar**. Campinas, SP.: Papyrus, 2008.

CAMPBELL, Jack. **Construindo um futuro comum: educando para a integração na diversidade** / editado por; tradução de Patrícia Zimbres. Brasília: UNESCO, 2002. 264p.

DOWBOR, Landislau. Educação e apropriação da realidade local. **Estudos Avançados**. 21 (60), São Paulo, 2007, p. 75-92.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, 15 (42), 2001 disponível in: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805/11377>

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Institut International des Droits de l'Enfant (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 2005.

----- Perspectivas atuais da educação. **Perspectivas**, vol.14 n.2. São Paulo, Apr./June, 2000.

----- **A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprende com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. 80p.

GAUTHIER, Clermont et al. **Por uma Teoria da Pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

----- Informação, conhecimento e sociedade em rede: Que potencialidades? **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 23, 2005, p. 43-57.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

MORAN, José. MASETT, Marcio, t. BEHRENS, Marilda A. **Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias**. Campinas, SP.: Papyrus, 2013. 180p.

ARANHA, Maria Salete Fábio (Org.). **Programa de Educação Inclusiva: Direito à diversidade**. Ministério da Educação, Brasília, 2004.

NÓVOA, António. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf

SANTILLI, Juliana. Saberes locais e biodiversidade. In: MOREIRA, Eliane, et al, **Seminário Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento e conhecimento tradicional na Amazônia**, 2005.

SHULMAN, Lee. S. **Conocimiento y enseñanza: Fundamentos de la nueva reforma**. Profesorado: Revista de Currículum y Formación del profesorado, v.9, n.2, 2005.



TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WEBGRAFIA

<http://aliteraturanaescola-helena.blogspot.com.br/2013/10/ser-professor-ser-educador-rubem-alves.html>

https://pizarrasypizarrones.blogspot.com.br/2012/06/los-saberes-de-los-docentes-formacion_11.html

http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005



Esta obra está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional